

## A forma mercadoria: compreensão da mercantilização da educação

The commodity form: understanding the commodification of education

La forma mercantil: comprender la mercantilización de la educación

Recebido: 22/06/2023 | Revisado: 30/06/2023 | Aceitado: 04/07/2023 | Publicado: 08/07/2023

**Karla Érika Ferreira Ferro**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6532-1249>

Universidade Federal do Ceará, Brasil

E-mail: [karlaerikaferro@gmail.com](mailto:karlaerikaferro@gmail.com)

**Emanoel Rodrigues Almeida**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-0851>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, Brasil

E-mail: [emanoel.almeida@ifce.edu.br](mailto:emanoel.almeida@ifce.edu.br)

### Resumo

Nas condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista a *forma mercadoria* ou a torna-se a *forma social* das relações sociais de produção. Nesta sociabilidade, “a riqueza [...] aparece como uma imensa coleção de mercadorias”. Nestas circunstâncias, a questão central deste estudo é como o complexo da educação, nas condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista, entra no processo de valorização do valor. Para tratar desta questão elegemos como objetivo geral explicitar, perspectivado pela *economia política marxiana*, como o complexo da educação assume a *forma de mercadoria*. E como objetivos específicos, descrever os elementos fundamentais da sociedade mercantil-capitalista: produtores privados e isolados, trabalho concreto e abstrato e o processo de troca; demonstrar a *intercambialidade* como a *forma social* das relações sociais de produção na sociedade mercantil-capitalista; explicitar os elementos constitutivos da mercadoria no complexo da educação: valor, valor de uso e valor de troca, trabalho concreto e abstrato. Para realização de nosso estudo lançaremos mão do pensamento de Marx e de interpretações feitas por diversos autores. Utilizaremos os pressupostos onto-metodológicos no desenvolvimento da pesquisa bibliográfica perspectivados pelo materialismo histórico-dialético.

**Palavras-chave:** Mercadoria; Valor; Trabalho; Ensino de economia; Educação.

### Abstract

In the objective conditions of mercantile-capitalist society, the commodity form or interchangeability, becomes the social form of the social relations of production. In this sociability, “wealth [...] appears as an immense collection of goods”. In these circumstances, the central question of this research project is how the education complex, in the objective conditions of mercantile-capitalist society, assumes the form of merchandise. To deal with this issue, we chose as a general objective to explain, from the perspective of Marxian political economy, how the education complex takes the form of a commodity. And as specific objectives, describe the fundamental elements of mercantile-capitalist society: private and isolated producers, concrete and abstract work and the exchange process; demonstrate interchangeability as the social form of the social relations of production in mercantile-capitalist society; make explicit the constitutive elements of merchandise in the education complex: value, use value and exchange value, concrete and abstract work. To carry out our study, we will use the thought of Marx and interpretations. We will use onto-methodological assumptions in the development of bibliographical research from the perspective of historical-dialectical materialism.

**Keywords:** Commodity; Value; Work; Economics teaching; Education.

### Resumen

En las condiciones objetivas de la sociedad mercantil-capitalista, la forma mercancía o intercambiabilidad, se convierte en la forma social de las relaciones sociales de producción. En esta sociabilidad, “la riqueza [...] aparece como un inmenso conjunto de bienes” En estas circunstancias, la pregunta central de este proyecto de investigación es cómo el complejo educativo, en las condiciones objetivas de la sociedad capitalista-mercantil, asume la forma de mercancía. Para tratar este tema, escogimos como objetivo general explicar, desde la perspectiva de la economía política marxista, cómo el complejo educativo toma la forma de una mercancía. Y como objetivos específicos, describir los elementos fundamentales de la sociedad mercantil-capitalista: los productores privados y aislados, el trabajo concreto y abstracto y el proceso de intercambio; demostrar la intercambiabilidad como forma social de las relaciones sociales de producción en la sociedad capitalista-mercantil; explicitar los elementos constitutivos de la mercancía en el complejo educativo: valor, valor de uso y valor de cambio, trabajo concreto y abstracto. Para llevar a cabo nuestro estudio, utilizaremos el pensamiento de Marx y las interpretaciones. Utilizaremos supuestos onto-

metodológicos en el desarrollo de la investigación bibliográfica desde la perspectiva del materialismo histórico-dialéctico.

**Palabras clave:** Mercancía; Valor; Trabajo; Enseñanza de la economía; Educación.

## 1. Introdução

Através da demonstração da crítica elaborada e efetivada por Karl Marx (1985) à Economia Política Clássica, foi descrito, em linhas gerais, os elementos fundamentais da sociedade mercantil-capitalista. As condições objetivas sobre as quais esta se ergue são constituídas dos seguintes elementos fundamentais: produtores privados e isolados, processo de troca, trabalho concreto e abstrato.

A partir das condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista identificamos a forma do valor, ou seja, a forma mercadoria. E por meio dela, na economia política marxiana, chegamos à categoria trabalho abstrato e identificamos que a sociedade mercantil-capitalista é um modo de produção historicamente determinado, caracterizado pela propriedade privada dos meios de produção, pela concorrência e pelo enriquecimento sem limites. Com isso, demonstramos os elementos fundamentais necessários à compreensão do processo de mercantilização da educação.

Convém avançarmos em nossa pesquisa no sentido de perspectivar o complexo da educação sob a ótica desses elementos e, assim, apresentar como se dá o processo de mercantilização da educação, ou seja, como a educação assume a forma de mercadoria nas condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista e contribui para o processo de valorização do valor. Demonstraremos, a partir das condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista, como a forma “mercadoria” mercantiliza o complexo educação e, com isso, explicaremos como o enigma da “mercadoria” educação pode ser desvelado, tendo por base a ontologia marxiana.

Através deste estudo, reafirmamos o método da economia política marxiana (Harvey, 2013) como instrumento de apreensão do real. Tratar-se-á de um estudo que pretende analisar a educação enquanto mercadoria tomando-a desde sua aparência na superfície da sociedade mercantil-capitalista até sua essência, seu núcleo. Costuma-se, analisar o processo de mercantilização da educação apenas em sua aparência, isto é, considerando apenas a personificação da mercadoria educação, como precarização do professor enquanto trabalhador assalariado, empresariamento da educação através do capitalista (dono dos meios de produção), personificação do capital. Nossa pesquisa pretende avançar no sentido de identificar o processo de reificação das relações de produção que ocorre no complexo da educação. Pretendemos demonstrar como a relação entre as forças produtivas e as relações de produção ocorrem no interior do complexo da educação no contexto da sociedade mercantil-capitalista.

Num contexto em que a forma capital insiste em afirmar a centralidade do conhecimento como produtor da riqueza, este estudo torna-se também relevante na medida em que retoma e reafirma a centralidade do trabalho como fonte e produção da riqueza material.

Registramos a relevância deste estudo na medida em que nos ajuda a compreender as raízes do trabalho explorado e precário no desdobramento do valor de troca no complexo da educação.

Entendemos que este estudo nos oferecerá os elementos fundamentais para uma melhor compreensão da educação como um desdobramento do valor capital em estado de crise estrutural (Mészáros, 2004).

Entendemos também que este estudo alcança sua relevância junto à classe trabalhadora e aos profissionais da educação, em geral, na medida em que se coloca como um instrumento de compreensão que possibilita a crítica e a transformação radical das condições desumanas de trabalho sob as quais se encontram a maioria dos professores(as).

Postas as justificativas, apresentaremos brevemente a questão central que norteará nosso estudo.

A sociedade mercantil se caracteriza por três elementos fundamentais: produtores privados e isolados, trabalho concreto e abstrato e o processo de troca.

Nesta forma de sociabilidade, a intercambialidade, ou seja, a forma mercadoria corresponde à forma social de relações sociais de produção na sociedade mercantil-capitalista.

Marx inicia sua obra *O Capital* pela análise da mercadoria afirmando que “A riqueza das sociedades em que domina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘imensa coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual como sua forma elementar”. (Marx, 1985, p. 45).

A análise da mercadoria enquanto valor de uso e valor de troca, trabalho concreto e trabalho abstrato consiste na parte mais fundamental e revolucionária da obra de Marx.

Uma coisa muito simples escapou a todos os economistas, sem exceção: é o facto de que, se a mercadoria tem o duplo carácter de valor de uso e valor de troca, então o trabalho representado nessa mercadoria tem que possuir também esse duplo carácter, enquanto que a simples análise do trabalho sem qualificativos, tal como a encontramos em Smith e Ricardo, etc., tropeça forçosamente por toda a parte em problemas que não se consegue explicar. Eis, com efeito, todo o segredo da concepção crítica. (Marx, 1868 apud Jappe, 2006, p. 65).

A estrutura da mercadoria e seus desdobramentos em trabalho concreto e abstrato já foram analisados (Mendes Segundo & Rabelo, 2004; Almeida, 2017). Nossa presente questão consiste em demonstrar como o complexo da educação, nas condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista, assume a forma de mercadoria. Dito de outra forma, como o complexo da educação mercantiliza-se implicando no processo de valorização do valor.

Para tratar desta questão elegemos como objetivo geral: explicitar, perspectivado pela economia política marxiana (Harvey, 2013), como o complexo da educação assume a forma de mercadoria (Marx, 1985) nas condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista.

Constituem os objetivos específicos de nosso estudo: 1) descrever os elementos fundamentais da sociedade mercantil-capitalista: produtores privados e isolados, trabalho concreto e abstrato e o processo de troca; 2) demonstrar a intercambialidade como a forma social das relações sociais de produção na sociedade mercantil-capitalista; 3) Explicitar os elementos constitutivos da mercadoria no complexo da educação: valor, valor de uso e valor de troca, trabalho concreto e abstrato.

Quanto ao método, em nosso estudo fazemos uma opção pelo materialismo histórico-dialético como instrumento de apreensão da história em suas múltiplas determinações.

Na sociedade mercantil, ocorrem dois processos decorrentes da troca de mercadorias: a personificação das coisas e a reificação das relações sociais de produção.

Por personificação das coisas, Marx entendia o processo através do qual a existência de coisas com uma determinada forma social, capital, por exemplo, capacita seu proprietário a aparecer na forma de um capitalista e manter relações de produção concretas com outras pessoas. (Rubin, 1980, p. 35).

O processo de personificação das coisas é facilmente observável, pois se manifesta na superfície da sociedade mercantil-capitalista. É um fenômeno que ocorre na aparência da sociedade mercantil.

A reificação das relações de produção consiste num processo que é realizado pelos homens inconscientemente. Portanto, os homens relacionam entre si seus produtos de trabalho como valores não porque consideram essas coisas como meros envoltórios materiais de trabalho humano da mesma espécie. Ao contrário. Ao equiparar seus produtos de diferentes espécies na troca, como valores, equiparam seus diferentes trabalhos como trabalho humano. Não o sabem, mas o fazem. (Marx, 1985, p. 72)

Esse segundo processo ocorre no interior, no núcleo da sociedade mercantil-capitalista e constitui-se em sua essência.

Ao analisar a conexão entre esses dois processos, Marx identificou a aparência e a essência da sociedade mercantil. A aparência está relacionada com a realidade enquanto real caótico. A essência, relaciona-se com o concreto pensado, com o real sob múltiplas determinações.

O objetivo geral do presente é explicitar, perspectivado pela economia política marxiana (Harvey, 2013), como o complexo da educação assume a forma de mercadoria (Marx, 1985) nas condições objetivas da sociedade mercantil-capitalista.

## 2. Metodologia

O movimento da aparência à essência é efetivado por meio da pesquisa, do método. Mas não de um método qualquer, em nosso estudo, faremos uma opção pelo materialismo histórico-dialético por entendermos que ele dá conta de nos conduzir da aparência da sociedade mercantil até sua essência.

Marx parte da aparência da sociedade mercantil: “A riqueza [...] aparece como uma imensa coleção de mercadorias”. (Marx, 1985, p. 45). Ele inicia sua investigação a partir do fenômeno da mercadoria enquanto real caótico. A riqueza da sociedade mercantil-capitalista “aparece” na forma de coisa, de mercadorias. Da aparência fenomênica da riqueza manifestada na mercadoria Marx chega à essência da riqueza da sociedade mercantil-capitalista: o trabalho.

A categoria trabalho é a chave para a compreensão da riqueza da sociedade mercantil. Mas não trata-se de qualquer trabalho, mas o trabalho que assume o caráter de trabalho abstrato. A riqueza, ou seja, o valor de troca das mercadorias advém da forma que o trabalho assume na sociedade mercantil: trabalho abstrato.

O movimento da aparência à essência, Marx efetiva graças ao materialismo histórico-dialético enquanto método de compreensão da história. Entendemos que este método é o que nos oferece as devidas condições de conduzir-nos da aparência da sociedade mercantil até sua essência, ou seja, é capaz de fazer um nexo entre o processo de personificação das coisas e o processo de reificação das relações sociais de produção.

Na aparência o valor de troca da educação personifica-se no professor enquanto trabalhador assalariado e no empresário, detentor dos meios de produção, como personificação do capital. Essas expressões do valor de troca são expressões fenomênicas do valor, assim como as formas MDM’ e DMD’, não sendo ainda, portanto, o valor. Nosso estudo, embora considere as formas fenomênicas do valor de troca da educação, procurará seguir na direção da forma mercadoria educação e identificar a sua essência: o trabalho abstrato, ou seja, o valor.

Através da categoria trabalho abstrato desvelaremos, em nosso estudo, o processo de reificação das relações sociais de produção no complexo da educação na sociedade mercantil-capitalista; chegaremos no núcleo, na essência da mercadoria educação: a relação entre as forças produtivas e as relações sociais de produção no interior do complexo da educação.

Do núcleo e essência do complexo da educação faremos o caminho de volta. Neste momento, o real passa a ser concreto pensado sob as suas múltiplas determinações. Esses procedimentos são fundamentais; sem os quais não chegaremos na essência da forma mercadoria educação na sociedade mercantil-capitalista.

Esses procedimentos, efetivados através do materialismo histórico-dialético, desvela o enigma da forma mercadoria educação, revelando-nos o “trabalho”, por trás da mercadoria, como elemento fundante da relação entre as forças produtivas e as relações de produção.

Quanto ao caráter, trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo bibliográfica Ludke & Andre (2013).

Para realização de nosso estudo lançaremos mão do pensamento de Marx (1985), e de interpretações de Rubin (1980), Carcanholo (2011), Rodolsky (2001), Rumiántsev (1980), Mészáros (2004), Mendes Segundo & Rabelo (2004), entre outros.

### 3. Resultados e Discussão

#### 3.1 Elementos constituintes da sociedade mercantil

Apresentamos, a seguir, os pressupostos teóricos que irão fundamentar nosso estudo em torno da temática “A forma mercadoria: compreensão da mercantilização da educação”. Iniciaremos demonstrando os elementos fundamentais que constituem a sociedade mercantil. Em seguida, caracterizaremos a categoria intercambialidade, ou a forma da mercadoria. Por último, demonstraremos como a educação assume a forma de mercadoria nas condições objetivas da sociedade mercantil.

A sociedade mercantil tem uma estrutura e desenvolvimento específicos. Como decorrente da estrutura da sociedade mercantil, Karl Marx, em sua análise, identifica a intercambialidade como a única forma social das relações sociais de produção e demonstrou, assim, o caráter peculiar do trabalho que produz mercadorias:

Objetos de uso se tornam mercadoria apenas por serem produtos de trabalhos privados, exercidos independentemente uns dos outros. O complexo desses trabalhos privados forma o trabalho social total. Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca. Em outras palavras, os trabalhos privados só atuam, de fato, como membros do trabalho social total por meio das relações que a troca estabelece entre os produtos do trabalho e, por meio dos mesmos, entre os produtores. (Marx, 1985, p.71).

Na sociedade mercantil, a produção deixa de ter caráter social e passa a ser produção mercantil orientada para o mercado e torna-se, desta maneira, a forma fundamental de ligação econômica entre os homens.

Como intérprete, e na mesma esteira de Marx, Rumiántsev caracteriza a sociedade mercantil da seguinte forma:

La economía mercantil, a diferencia de la natural, implica la división social del trabajo, nexos entre los productores e los consumidores de productos através del mercado, de la compra y la venta de mercancías. Los nexos económicos entre los propietarios privados cuando ya existe división social del trabajo, se hacen realidad por vía del intercambio de mercancías. Cada propietario privado persigue sus intereses propios, por cuya razón el proceso de producción, cambio y distribución en la sociedad basada em la propiedad privada adquiere um carácter espontáneo, anárquico. (Rumiántsev, 1980, p.105)

Desta caracterização de Rumiántsev, encontramos na estrutura da sociedade mercantil três elementos fundamentais:

Células individuais da economia nacional, isto é, empresas privadas isoladas, formalmente independentes umas das outras; elas estão materialmente relacionadas umas com as outras, como resultado da divisão social do trabalho; a vinculação direta entre os produtores individuais de mercadorias se estabelece na troca, e isto, indiretamente, influencia sua atividade produtiva. Em sua empresa, cada produtor de mercadorias é formalmente livre para produzir, se quiser, qualquer produto que lhe agrade e de maneira que escolher. (Rubin, 1980, p. 23)

Esses elementos tornam a sociedade mercantil, por excelência, uma sociabilidade fundada sob a propriedade privada dos meios de produção, caracterizada pela concorrência e ganância sem limite em busca de aumentar as taxas de lucro.

#### 3.2 A forma da mercadoria e a mercantilização da educação

Como decorrência do caráter abstrato que o trabalho assume na sociedade mercantil, a intercambialidade, ou a forma mercadoria passa a ser a forma social das relações de produção na sociedade mercantil.

As mercadorias não podem por si mesmas ir ao mercado e se trocar. Devemos, portanto, voltar a vista para seus guardiões, os possuidores de mercadorias. [...] As pessoas aqui só existem, reciprocamente, como representantes de mercadorias e, por isso, como possuidores de mercadorias. Veremos no curso do desenvolvimento, em geral, que os personagens econômicos encarnados pelas coisas nada mais são que as personificações das relações econômicas, como portadoras das quais elas se defrontam. (MARX, 1985, p.71)

As relações sociais de produção na sociedade mercantil são mediadas pelas coisas as quais assumem formas personificadas como decorrência da propriedade privada. Senão veja-se:

La propiedad privada fracciona la economía en distintas células, aísla a los productores. Por eso, lá única forma económica de conexión entre los produtores aislados por la propiedad privada son las relaciones mercantiles, la producción de mercancías y su cambio mediante la compra y la venta. (Rumiántsev, 1980, p.107).

Separados pela propriedade privada, a única forma dos produtores se relacionarem é através das relações mercantis, ou seja, através da igualação e troca de mercadorias.

Nessa forma “mercantil” de economia, o trabalho social necessário para a produção de um determinado produto não é expresso diretamente em unidades de trabalho, mas indiretamente, na “forma-valor”, na forma de outros produtos que são trocados por esse determinado produto. O produto do trabalho transforma-se numa mercadoria; possui valor de uso e a “forma-valor” social. (RUBIN, 1980, p. 129).

A intercambialidade, ou a forma mercadoria constitui-se na forma social necessária em que as relações sociais de produção se organizam e efetivam-se. As relações na sociedade mercantil estabelecem-se mediante a intercambialidade. O complexo da educação, se dá à semelhança dos diferentes complexos que constituem a sociabilidade mercantil.

A sociedade mercantil-capitalista caracteriza-se pela generalização da produção de mercadorias. Nela, a troca de mercadoria torna-se sistemática e geral. Assim, a educação situa-se, também, neste contexto de generalização da mercadoria.

A generalização da mercadoria ocorre em função dos possuidores de mercadorias se apresentarem como proprietários privados de mercadorias. A produção não mais é social, mas precisamente mercantil, e por isso, anárquica.

Numa sociedade cujos produtos assumem, genericamente, a forma de mercadoria, isto é, numa sociedade de produtores de mercadorias, desenvolve-se essa diferença qualitativa de trabalhos úteis, executados independentemente uns dos outros, como negócios privados de produtores autônomos, num sistema complexo, numa divisão social do trabalho. (Marx, 1985, p.50)

O professor é um trabalhador assalariado, como qualquer outro trabalhador. Ele aparece no mercado como proprietário de uma mercadoria: a força de trabalho. Sua força de trabalho é, para ele, uma mercadoria com valor de troca. Para que sua mercadoria se efetive ela realiza um “salto mortal”.

Do outro lado é necessário haver um outro proprietário de mercadorias que “acolha” sua força de trabalho. O capitalista, proprietário dos meios de produção, compra a força de trabalho como uma mercadoria enquanto valor de uso. A relação estabelecida entre os dois é mercantil e se faz através das coisas.

Marx define a mercadoria como algo que pode satisfazer as necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza da necessidade não altera em nada o caráter da mercadoria.

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. Aqui também não se trata de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se imediatamente, como meio de subsistência, isto é, objeto de consumo, ou se indiretamente, como meio de produção. (MARX, 1985, p.45)

Conforme a definição de mercadoria elaborado por Marx, pretendemos situar a educação como tendo uma utilidade e esta faz dela valor de uso. A educação é uma mercadoria que tem valor de uso na medida em que ele satisfaz diferentes necessidades. A educação torna-se, ao mesmo tempo, portadora do valor de troca. Na sociedade mercantil a educação pode ser trocada por qualquer outra mercadoria que tenha seu valor equivalente.

O valor de uso realiza-se somente no uso ou no consumo. Os valores de uso constituem o conteúdo material da riqueza, qualquer que seja a forma social desta. Na forma de sociedade a ser por nós examinada, eles constituem, ao mesmo tempo os portadores materiais do valor de troca. (Marx, 1985, p.46).

Pode-se caracterizar a educação como mercadoria na medida em que facilmente podemos identificar o trabalho docente como parte da divisão social do trabalho:

Na totalidade dos vários tipos de valores de uso ou corpos de mercadorias aparece uma totalidade igualmente diversificada, de acordo com gênero, espécie, família, subespécie, variedade, de diferentes trabalhos úteis - uma divisão social do trabalho. Ela é a condição de existência para a produção de mercadorias [...] Apenas produtos privados autônomos e independentes entre si confrontam-se como mercadorias. (Marx, 1985, p.50).

A educação nas condições da sociedade mercantil assume a forma de trabalho concreto e abstrato, ao mesmo tempo. A educação é trabalho concreto na medida em que é possível distinguir facilmente o trabalho do profissional da educação do trabalho de que qualquer outro trabalhador. O trabalho do docente tem suas propriedades específicas.

A educação enquanto mercadoria satisfaz necessidades específicas do homem, para ser produzida precisa de uma determinada atividade produtiva. Essa atividade produtiva determina-se por especificidades próprias: finalidade, modo de operar, objeto, meio e resultado. A atividade produtiva do profissional da educação gera um valor de uso. Tal atividade produtiva é trabalho concreto, trabalho útil. Nela há dispêndio produtivo de cérebro, músculo, nervos, mãos, etc.

A educação é trabalho abstrato na medida em que podemos considerá-la como simples trabalho humano, como trabalho socialmente necessário, como trabalho igualado.

O trabalho do profissional da educação, do professor, por exemplo, tem uma ação particular em relação ao trabalho de outros trabalhadores assalariados. Todavia o trabalho do professor tem algo em comum a todos os outros trabalhos. É trabalho que pode ser igualado, é trabalho humano. O trabalho do professor sofre uma abstração, resultado da ação do mercado. A educação enquanto trabalho abstrato é a forma social e histórica do trabalho na sociedade mercantil. Essa indiferenciação, igualação do trabalho do professor a qualquer outro tipo de trabalho é produto da sociedade mercantil, fundada sob a propriedade privada dos meios de produção.

A igualação do trabalho do professor a qualquer outro trabalho é feita mediante o trabalho abstrato. É pelo trabalho abstrato que as mercadorias são igualadas: “portanto um valor de uso ou bem possui valor, apenas, porque nele está objetivado ou materializado trabalho humano abstrato”. (Marx, 1985, p.47)

Pela igualação ou indiferenciação dos trabalhos desaparece o caráter útil ou concreto do trabalho do professor. Restou dele apenas a mesma objetividade fantasmagórica característica de todas as outras formas concretas de trabalho.

Ao desaparecer o caráter útil dos produtos do trabalho, desaparece o caráter útil dos trabalhos neles representados, e desaparecem também, portanto, as diferentes formas concretas desses trabalhos, que deixam de diferenciar-se um do outro para reduzir-se em sua totalidade a igual trabalho humano, a trabalho humano abstrato. (marx, 1985, p.47)

Não restou deles a não ser a mesma objetividade fantasmagórica, numa simples gelatina de trabalho humano, sem consideração pela forma como foi despendida. O que essas coisas ainda representam é apenas que em sua produção foi despendida força de trabalho humano, foi acumulado trabalho humano. Como cristalizações dessa substância social comum a todas elas, são elas valores – valores mercantis. (marx, 1985, p.47)

#### **4. Considerações Finais**

A denominada sociedade mercantil tem uma estrutura e desenvolvimento muito específicos, que caracterizada precipuamente pela intercambialidade como a única forma social das relações sociais de produção e do caráter peculiar do

trabalho como produtor de mercadorias. Nessa sociabilidade, as relações deixam de ser puramente sociais, passando a ser sobretudo, econômica, em que os indivíduos se relacionam através do produto do trabalho, a mercadoria.

Dessa forma, as relações sociais de produção na sociedade mercantil são mediadas pelas coisas, as quais assumem formas personificadas como decorrência da propriedade privada. Separados pela propriedade privada, a única forma dos produtores se relacionarem é através das relações mercantis, ou seja, através da igualação e troca de mercadorias.

Compreendendo a totalidade social como um grande emaranhado de complexos sociais que se relacionam mutuamente, tem-se que a educação, enquanto complexo social, também sofre as determinações dessas relações de intercambialidade. E do mesmo modo que a troca de mercadoria torna-se sistemática e geral na sociedade mercantil, a educação situa-se também nesse contexto de generalização da mercadoria.

Nesse contexto, o profissional docente é um trabalhador assalariado que vende sua força de trabalho que entra no percurso mercantil como uma mercadoria e que precisa de um tomador que acolha e remunere essa força de trabalho.

Assim, a educação à semelhança de outros complexos sociais, entra no processo de valorização do valor. Ocorre, dessa forma uma mercantilização da atividade docente.

O presente estudo é bastante abrangente e instigante, provocando-nos para as próximas análises e debates sobre os impactos dessa mercantilização da educação brasileira na atualidade.

## Referências

- Almeida, E. R. (2017). *O papel da produção social na gênese, no desenvolvimento e no devir do gênero humano*. Tese (doutorado) pós graduação em educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- Belluzzo O, L. de M. (1980). Valor e capitalismo: um ensaio sobre a economia política. Brasiliense.
- Carcanholo, R. (2011). Capital: essência e aparência. Vol. 1. Expressão Popular.
- Carcanholo, R. (1982). Dialética de la mercancia y teoría del valor. Educa.
- Ferro, K. & Almeida, E. (2022). O mal-estar da civilização de Sigmund Freud: uma análise ontológica a partir da categoria trabalho. *Research, Society and Development*, 11 (16). DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v11i16.37985>.
- Gonçalves, R. M. P., et al. (2019). O sentido ontológico do trabalho e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores: considerações preliminares. *Educação e Filosofia*, 33, 925-957. <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v33n68a2019-46626>.
- Grespan, J.L. (2012). O negativo do capital: o conceito de crise na crítica de Marx à economia política. Expressão Popular.
- Harvey, D. (2013). Para entender o Capital. Boitempo Editorial.
- Jappe, A. (2006). As aventuras da mercadoria; para uma nova crítica do valor. Portugal: Antígona.
- Koffler, L. (2010). História e dialética. Ed. UFRJ.
- Kosik, K. (1995). Dialética do concreto. Paz e Terra.
- Lessa S. (2007). *Para compreender a ontologia de Lukács*. Edufal.
- Lukács, G. (2020). *A destruição da razão*. Instituto Lukács.
- Mandel, E. (1980). A formação do pensamento econômico de Karl Marx: de 1843 até a redação de O Capital. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Lukács, G. (2021). *Para uma ontologia do ser social*. Boitempo.
- Lukács, G. (2020) Prolegômenos para uma ontologia do ser social. Boitempo Editorial.
- Marx, K. (1987). A Miséria da Filosofia. Lisboa, Portugal: Editora Estampa.
- Marx, K (1979). *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel - Introdução*. In: Revista Temas de Ciências Humanas. Vol. II. Grijalbo.
- Marx, K. (2011). *Grundrisse*. Boitempo Editorial.
- Marx, K. (2004). *Manuscritos econômico-filosóficos*. Boitempo Editorial.
- Marx, K. (2011) *O capital*. Boitempo Editorial.



- Marx, K. & Engels, F. (2021). *A ideologia alemã*. Boitempo Editorial.
- Marx, K & Engels, F. (2007). *Manifesto do partido comunista*. Boitempo.
- Matana, C. & Iesen, S. A. L. (2021). Fundamentos psicanalíticos na construção da subjetividade na Psicose. *Research, Society and Development*, 10 (10). <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i10.18738>.
- Mendes Segundo, M. das D. & Rabelo, J. (2004). Marx e o fetichismo da mercadoria: notas a respeito do primeiro capítulo do livro I d'O Capital. In: Jimenez, S. & Rabelo, J. (Orgs). Trabalho, educação e luta de classes: a pesquisa em defesa da história. Brasil Tropical.
- Mészáros, I. (2006). *A teoria da alienação em Marx*. Boitempo Editorial.
- Mészáros, I. (2004). *O poder da Ideologia*. São Paulo: Boitempo Editorial.
- Mészáros, I. (2005). *A educação para além do capital*. Boitempo.
- Mészáros, I. (2009). *A crise estrutural do capital*. Boitempo.
- Mészáros, I. (2007). *O desafio e o fardo do tempo histórico*. Boitempo.
- Mészáros, I. (2011). *Para além do capital*. Boitempo.
- Mészáros, I. (2021). *O século XXI: socialismo ou barbárie?* Boitempo Editorial.
- Mészáros, I. (2006). *A teoria da alienação em Marx*. Boitempo.
- Mészáros, I. (2008). *Filosofia, ideologia e ciência social*. Boitempo.
- Paulo Netto, J. (2011). *Introdução ao estudo do método de Marx*. Ed. Expressão Popular.
- Rosdolsky, R. (2001). *Gênese e estrutura do capital de Karl Marx*. Contraponto.
- Rossi, R. (2020). Espaço, Totalidade e Método. *Sociedade & Natureza*, 32, 578-585. <https://doi.org/10.14393/SN-v32-2020-48456>.
- Rubin, I. (1980). A teoria do valor em Marx. Brasiliense.
- Rumiantsev, A. (1980). Economia Política: capitalismo. Traducción al español. Editora Progreso.
- Tonet, I. (2016). *Método Científico: uma abordagem ontológica*. Ed. Coletivo Veredas.
- Tonet, I (2007). Educação contra o capital. Edufal.
- Tonet, I. (2005). Educação, Cidadania e Emancipação Humana. Unijuí.